

“RASGA LETRA”: MEMÓRIAS DOS TRABALHADORES DO ALGODÃO EM CATURITÉ (1960-1983)

Hallisson Bento Olympio Francisco da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma análise das memórias dos trabalhadores do algodão na cidade de Caturité, cariri paraibano entre os anos 1960 a 1983, analisando o auge e a crise da cultura algodoeira nesta comunidade que teve sua importância no crescimento econômico da Paraíba no século XX como tantas outras. Neste sentido, abordaremos aqui algumas memórias de trabalhadores que experienciaram o período em tela e destacaremos o “rasga letra”, algo como um dinheiro extra, fruto da colheita do algodão no período final de um ano, que possibilitava aquisição de objetos, roupas, bens ou até mesmo uma alimentação melhor no final do ano; Estas singularidades presentes na memória dos trabalhadores foram captadas através da metodologia da história oral, fornecendo possibilidades de estudarmos a comunidade, os trabalhadores e suas relações de trabalho entre si e com a terra, como diria E. P. Thompson, apresentaremos uma história do ponto de vista dos de baixo, possibilitando apresentar memórias e experiências que podem contribuir de forma ímpar na reconstrução da história.

Palavras-chave: Trabalhadores; Memória; Algodão.

INTRODUÇÃO

Todas as tardes dezenas de trabalhadores e trabalhadoras chegavam um após o outro com sacos cheios de algodão sobre suas cabeças, acompanhados de jumentos que traziam em seus lombos cargas ainda maiores da fibra colhida naquele dia. O longo percurso entre os roçados e o local de venda e entrega na comunidade de Caturité era necessário para que o algodão chegasse ao local de descaroçamento. Ali, acontecia a pesagem em arrobas e no final de semana os trabalhadores recebiam pela venda ou colheita da matéria prima que após passar pelos procedimentos minimamente industriais eram prensados em fardos e preparados para a entrega as indústrias compradoras de Campina Grande.

A passagem acima narrada remete ao cotidiano dos trabalhadores da cotonicultura na região de Caturité na segunda metade do século XX. Estes, e milhares de outros trabalhadores em todo estado tiveram uma importante contribuição para a economia paraibana desde o início do século XIX, durante quase todo esse século a produção de algodão na Paraíba simbolizou uma época de pujança que transformou a economia do estado.

Conforme título deste trabalho, a partir da memória dos trabalhadores discorreremos sobre a força econômica que o algodão trouxe para toda a comunidade. Analisaremos a

¹ Mestrando PPGH - UFCG. <hallissoncatu@hotmail.com>.

importância financeira que a fibra possibilitava aos trabalhadores comuns, gerando pagamento de diárias maiores e renda extra para compra de comida e aquisição de vestuário e bens a partir da colheita do final do ano que entre os agricultores se convencionou chamar de “rasga letra”.

Na década de 1950 o algodão chegou a empregar mais de 250 mil pessoas estendendo seu plantio por cerca de 6,646 hectares em todo estado². A título de exemplo à cidade de João Pessoa, capital do estado, teve seu processo de modernização iniciado nas primeiras décadas do século XX a partir da aplicação do capital advindo dos grandes produtores de algodão do interior que ajudaram o poder público na realização das primeiras reformas urbanas na Capital³.

Na região da Borborema, especificamente na cidade de Campina Grande a força da fibra acarretou o “boom” algodoeiro, que conforme historiografia bastante conhecida chegou a ser o 2º maior polo exportador de algodão do mundo, perdendo apenas para a cidade inglesa de Liverpool. Neste cenário a cidade recebe a linha férrea bem como algumas reformas urbanas como ruas alargadas, casas em art decó, praças, instalação de empresas, bancos hospitais, e colégios, ganhando ares de progresso.

Como dito acima, a cultura algodoeira estava presente em diversas localidades da Paraíba que constituíram base sólida que convergia a produção aos polos de beneficiamento e exportação. Neste trabalho destacaremos a comunidade de Caturité⁴ que entre tantas, teve também sua participação neste processo histórico da Paraíba, onde buscaremos apresentar e analisar a importância da cotonicultura no que tange a economia, a formação da comunidade e a memória dos trabalhadores.

Este trabalho dialoga com história social, a partir de uma abordagem da história oral, lançando mão de sua metodologia analisando os depoimentos de três trabalhadores do período algodoeiro em Caturité. De acordo com Meihy (2013),

Valendo-se de diálogos gravados, as percepções da vida social são registrados de maneira a se constituir em fontes ou documentos que contudo, devem ser considerados desde sua origem, [...] absolutamente tudo que é gravado e preservado

² Informações disponíveis no site do Jornal A união, em artigo especial publicado em 11 de julho de 2009 denominado Algodão da Paraíba.

³ A esse respeito ver tese de doutorado de Waldeci Ferreira Chagas, intitulada As singularidades da modernização da Parahyba nas décadas de 1930 a 1930, Recife – UFPE, 2004.

⁴ Município localizado no cariri paraibano, distante 160 Km da Capital João Pessoa, elevado à categoria de município com a denominação de Caturité pela lei estadual nº 5900, de 29-04-1994, desmembrado de Boqueirão e instalado em 01-01-1997. Informações disponíveis em: <http://www1.ibge.gov.br/cidadesat/historico>.

se constitui em documento oral. Entrevista, porém, é história oral em sentido restrito.

Assim, buscaremos apresentar os relatos colhidos de maneira a mostrar o cotidiano dos trabalhadores na lida do algodão.

Recortar o tempo para se estudar determinada época é sempre um risco para com o passado, mas conforme Thompson (1987) toda narrativa tem que começar de algum lugar, embora seja real e necessário rupturas e descontinuidades. Neste sentido nosso estudo parte década de 60, pois é nestes idos que as informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE apontam o distrito em estudo como um povoado importante do município de Boqueirão, destacando-se na produção de algodão, tendo na base da economia a agricultura de subsistência, com destaque para o milho e o feijão e a criação de gado, sendo considerada posteriormente uma das maiores bacias leiteiras da região do cariri.

Ao longo deste período buscaremos entender a relação destes com a terra, a cultura algodoeira e o crescimento da comunidade em termos populacionais e econômicos até chegarmos em 1983, data que marca oficialmente⁵ o fim do período algodoeiro marcado pela foça destruidora do *Bicudo*⁶.

DE BAIXO PRA CIMA, A HISTÓRIA É OUTRA...

Ao voltar o olhar para os trabalhadores do algodão na pequena comunidade de Caturité é como se tivéssemos de posse de uma câmera fotográfica e com um grande “zoom” pudéssemos alcançar algo que faria parte da imagem maior, mas que até então passava despercebido no que toca a sua importância na construção da imagem no plano macro.

A idealização da figura acima, nos faz pensar no método da redução de escala utilizado pela micro história trazida à baila das discussões pela historiografia italiana através do historiador Carlo Ginzburg que em uma de suas obras marcantes “*o queijo e os vermes*” (2006), ele apresenta a história de um homem comum a partir de processos da inquisição no

⁵ Quando citamos a palavra ‘oficialmente’ é nos sentido de tomarmos por base os estudos realizados pela EMBRAPA.

⁶ O besouro bicudo-do-algodoeiro (*Anthonomus grandis*) pertence à família *Curculionidae*, que possui a característica de apresentar o rosto bem desenvolvido, alvo da origem do nome “bicudo”. Esta praga é específica do algodoeiro, espécie de planta que proporciona condições para que este inseto complete todo o seu ciclo de vida. Sua história como praga-chave da cotonicultura mundial começou com sua ocorrência no Texas, EUA, em 1892. Em 1949 foi encontrado na Venezuela e, em 1950, na Colômbia. No Brasil, foi registrado pela primeira vez em fevereiro de 1983, nas regiões produtoras de algodoeiro em Sorocaba e Campinas, no Estado de São Paulo. Em julho do mesmo ano, já atingia a região Nordeste, mais precisamente o município de Ingá, no Estado da Paraíba dizimando todo algodoeiro do estado e destruindo a economia.

Norte da Itália no século XVI. Utilizando-se do método do paradigma indiciário, isto é, a partir dos indícios e vestígios deixados nos processos Ginzburg reconstrói a trajetória do moleiro Menóchio e aponta a possibilidade de ser fazer uma nova historiografia olhando para os homens comuns.

A esse respeito a historiografia social convencionou chamar “*história dos de baixo*”, “*história vista de baixo*” entre outras. Aqui não nos apegaremos, ou nos apropriaremos da denominação do termo ao pé da letra visto que a construção dos conceitos citados faz parte de outro contexto, no entanto, se faz necessário dizer que a aplicabilidade do mesmo permanece atual e nosso interesse é mostrar que sob a história elitizada e oficial existem sujeitos que também tem experiências e fazem parte da história.

Entendemos então que o olhar para as práticas dos trabalhadores a partir de suas memórias possibilita ao historiador reconstruir uma história que muitos não conheceram e sequer sabem que da existência de determinados acontecimentos. O olhar sobre o trabalhador e o mundo do trabalho foi tema massivo nas pesquisas de Edward Thompson e Eric Hobsbawm quando estudaram a formação da classe operária inglesa e da revolução francesa respetivamente.

A partir daí, vários outros pesquisadores passaram a estudar com mais afinco os mundos do trabalho, uns com o olhar mais voltado a militância operária, outros nem tanto, no entanto o que se destaca nestas pesquisas e estudos é a valorização do homem comum perante uma história notadamente marcada pela força da elite.

A abordagem a partir da experiência e do cotidiano dos trabalhadores comuns possibilita uma compreensão sobre a história muito rica em detalhes, poderíamos aqui discorrer sobre diversas obras e autores que foram bem sucedidos ao estudar os de baixo, tais como, Thompson, Ginzburg, Hobsbawm, Emanuel Le Roy Ladurie que inclusive produziu a excelente obra conhecida como *Montaillou: Um povoado occitânico*⁷. (Sharpe, 2011).

Para apresentar os trabalhadores e suas experiências presentes em suas memórias utilizaremos dos depoimentos colhidos com alguns agricultores que vivenciaram a época, prática que Heródoto, considerado como o pai da história, reconhecia importantíssima para elaborar a historiografia. Contudo, o uso do método da história oral gerou muitos debates sobre objetividade e subjetividade das fontes desqualificando a oralidade como documento.

⁷ A obra trata de uma pequena aldeia do sudoeste da França, na região montanhosa dos Pireneus. Em 1320, ela foi varrida pela Inquisição, que, na busca de hereges cátaros, desentranhou longas e detalhadas confissões de seus habitantes. Ladurie consegue a través dos processos da inquisição reconstruir a história daquele pequeno povoado.

Obviamente que esses questionamentos só foram vencido graças aos debates sobre a utilização de novas fontes advindas da Escola dos Annales⁸, possibilitando novos estudos e a produção de valiosas e importantes obras.

Neste percurso de inovação no estudo da história, é possível perceber as marcas da historiografia de Thompson, no seu artigo “*The History from Below*” publicado em 1966 em *The Times Literary Supplement*. Na sua concepção, a história deve ser contada, não somente levando em consideração os “grandes fatos” da história oficial e seus heróis.

Sobre a importância de se estudar a história por outro ângulo, o historiador britânico Jim Sharpe (2011, p. 60) afirma o seguinte,

Mas a importância da história vista de baixo é mais profunda do que apenas propiciar aos historiadores uma oportunidade para mostrar que eles podem ser imaginativos e inovadores. Ela proporciona também um meio de reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história.

Assim, contaremos uma história dos sujeitos ocultos, cujas histórias fazem parte de grande rede que interligadas contam uma parte da história de Caturité, da Paraíba e do Brasil, como disse Eric Hobsbawm, uma verdadeira história de baixo pra cima⁹.

HOMENS DE FIBRA, FIBRAS DE VALOR E O ‘RASGA LETRA’ E A CRISE

Nas terras de pouca umidade e alta temperatura da vila de Caturité, cariri paraibano, trabalhadores acordavam cedo em busca do sustento familiar. Não existia muita tecnologia a disposição para acordá-los. O galo aliado ao nascimento do sol tomava conta desta atribuição. Roupas longas e chapéus de palha eram necessários para diminuir a ação causticante do sol, a água e a rapadura não podiam faltar no bisaco para o longo dia de trabalho que viria pela frente.

⁸ A Escola dos Annales deixou sua marca bem notável da historiografia desde então e continua existindo até hoje. Desde seu surgimento, passou por quatro fases e teve grandes nomes como representantes de cada uma. A primeira delas, a fase de fundação, é identificada por seus criadores Marc Bloch e Lucien Febvre. A segunda fase, já em torno de 1950, é caracterizada pela direção e marcante produção de Fernand Braudel. A partir da terceira geração a Escola dos Annales passou a receber uma identificação mais plural, na qual destacaram-se vários pesquisadores como Jacques Le Goff e Pierre Nora. A quarta geração da Escola dos Annales é referente a um período que se inicia em 1989, neste momento há um desenvolvimento notório da História Cultural e os grandes nomes que a representam são, por exemplo, Georges Duby e Jacques Revel.

⁹ Consideração desenvolvida a partir da leitura de da tese “Entre o capa reta e a redenção” de Mariângela de Vasconcelos Nunes, 2006. Onde a mesma cita a obra de Hobsbawm, Sobre a história, 1998, p. 2016.

Falaremos agora sobre as experiências dos trabalhadores que experienciaram diretamente o período, bem como a importância que o algodão representou para todos aqueles que dependeram da fibra na Paraíba e especificamente na comunidade de Caturité ao longo da segunda metade do século XX. Certamente nunca saberemos tudo, mas o que sabemos é que a época foi marcada por muito trabalho, suor e muita riqueza principalmente para os produtores. E para os trabalhadores?

É válido lembrar que a cotonicultura também possibilitou momentos diferenciados para os agricultores mais humildes, todavia não podemos realizar a análise grotesca partindo de extremos “trabalhadores enricaram” ou “trabalhadores só sofriram”, buscaremos um meio termo, ou melhor, um ponto de equilíbrio, pois o que se deduz é que de fato e sem exageros, na perspectiva dos depoimentos colhidos, o período do algodão representou sim uma época diferenciada e de pujança financeira também para os agricultores.

Pois bem, historicamente a concentração de terras no Brasil ficou na mão de poucos, isso ainda é muito presente e significa que os trabalhadores da agricultura tinham muita dificuldade de ter seu próprio roçado e sua própria produção, para tanto era preciso se submeter aos proprietários de terras e produtores de melhor condição econômica e fazer acordos de divisão de produção a exemplo do sistema de meeiros e também através de trabalhadores temporários, isto é, trabalhava alguns dias por semana na plantação do proprietário da terra em troca do uso da terra do seu roçado.

O algodão era plantado em pequenas e grandes propriedades junto com agricultura de subsistência, milho e feijão, esse sistema produtivo era obsoleto, considerando que os agricultores não tinham condições de comprar equipamentos para modernizar sua produção.

No sua Tese sobre os trabalhadores do agave no cariri paraibano, a historiadora Mariângela Vasconcelos afirma que a agricultura de subsistência na região já era praticada pelos índios Cornóios. Legado presente na agricultura heterogênea dos trabalhadores em um passado bem recente, aliando a plantação de milho, feijão, fava, jerimum, melancia, pepino, maxixe, quiabo à plantação de Algodão¹⁰.

O algodão aos poucos começou a ganhar importância econômica e a ganhar espaço nas grandes propriedades e também nos roçados devido facilidade e adaptação da planta na região, não precisando de muita chuva nem empreendimento de muita força de trabalho.

¹⁰ Mariângela de Vasconcelos Nunes, *Entre o capa verde e a redenção: a cultura do trabalho com o agave nos cariris velhos (1937 – 1966)*, 2006.

Na vila de Caturité, como também era chamada, “[...] agente plantava o milho e o feijão no inverno e lucrava e plantava o algodão mocó e esse algodão ficava quatro, cinco anos sem morrer” (Severino Gervasio da Cruz, 2011) ¹¹.

Para o senhor Antonio Ribeiro ¹², “A planta do algodão era logo, dava uma limpa, três limpa, pra poder lucrar, e chegava bem a terra na lavoura. Plantava logo com as primeiras chuvas e colhia no verão”.

Através da fala dos depoentes é possível entender que a cultura do algodão ensejava menor participação de mão de obra, não necessitante frequência diária do trabalhador na plantação, exceto para plantar, limpar e colher, assim o agricultor poderia trabalhar alugado em outro lugar e nas horas livres dar conta de sua plantação.

Nos anos 60 o algodão cresceu muito na região caririzeira. Na comunidade de Caturité o senhor João Queiroga, pioneiro na comunidade e também nos negócios, era homem muito influente e politicamente uma liderança respeitada. Empreendedor de nascimento, João Queiroga adquiriu muitas terras na região e plantava longos de roçados de algodão, “Cacimba de Baixo era uma safra de algodão danada, Serraria ficava verde, alvinho, alvinho, você espia assim no roçado alvejava, encandeava o cabra a meio dia de tanto algodão, aquele algodão bem branquinho, é, mim lembro de tudo!” (Antonio Ribeiro, 2001).

A memória do agricultor ao lembrar-se dos detalhes, do campo alvo de algodão, nos ajuda a reconstruir um passado coletivo. De acordo com o sociólogo Maurice Halbwachs (2006) o recurso da memória permite perpassar/ ultrapassar fronteiras do individual para o coletivo, facilitando assim a reconstrução de um passado a partir memórias isoladas, mas que fazem parte de um espaço coletivo ¹³.

Ainda nesse contexto, a memória se insere como ponto de partida para chegarmos à vida em sociedade, onde estão presentes as experiências individuais ¹⁴, nessa direção, “toda consciência do passado está fundada na memória, através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado” (LOWENTAL, 1998, p, 75, *apud* DELGADO, 2010).

¹¹ Palavras do senhor Severino Gervasio da Cruz, 94 anos, entrevistado em Caturité, em Março de 2011.

¹² Palavras do senhor Antonio Ribeiro Galdino Borges, 77 anos, entrevistado em Caturité, em Março de 2011.

¹³ Maurice Halbwachs. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006

¹⁴ Ver obra História Oral: memória, tempo, identidades da historiadora Lucila de Almeida Delgado, 2010.

Para Walter Benjamin¹⁵, a memória deve estar acompanhada da experiência dos sujeitos, pois a legitimidade do testemunho do narrador está na densidade da experiência, essa experiência por sua vez se concretiza a partir de suas relações em determinada comunidade em determinado período de tempo, assim essa experiência adquirida, nos remete ao entendimento de Halbwachs, para ele a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, as ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo a qual os sujeitos estão inseridos.

Nas plantações de algodão de João Queiroga, trabalhavam dezenas de famílias, que contribuíam para aumentar a população da comunidade, inclusive, segundo os relatos colhidos, famílias inteiras chegavam àquela comunidade em busca de trabalho e geralmente conseguiam, além de moradia nas propriedades do mesmo.

O trabalho familiar predominava nos algodoais, [...] Mulheres e crianças, além do cuidado com a casa, a horta, os animais e alimentação dos camaradas, iam para a roça e compartilhavam das tarefas no cultivo do algodão” (ALEGRO; GONÇALVES; GASPAR; SANTOS, 2007, p.31 *Apud* SANTOS, 2008, p. 5).

Assim, o algodão virou uma cultura obrigatória também para os pequenos trabalhadores, pois além de representar o “ganha pão” para uns, representava também a possibilidade de realização de pequenos desejos de consumo para outros. A colheita de algodão acontecia nos últimos meses do ano, e os ganhos gerados com a venda da fibra, ou com a apanha do algodão serviam para adquirir um vestido, uma chinela, um tecido, uma feira melhor, carnes para mistura, além de bebidas para aproveitar às festas religiosas, de padroeira, natal e ano novo, coisa que antes da cultura do algodão não era possível.

[...] o dinheiro era pouco, mas não faltava e tinha algodão todo dia pra o cabra apanhar, pra limpar, pra plantar, agora não faltava dinheiro. [...] e naquele tempo era todo mundo, a família toda ia, mãe não, mãe ficava em casa (Antonio Ribeiro, 2011).

A fala do nosso depoente mostra um pouco da fartura proporcionada pelo algodão. Logicamente que a possibilidade de se ganhar algo mais, um extra, era concreta, mas com muito trabalho e a presença massiva da família no dia a dia no roçado. As mulheres donas do lar, embora nem sempre estivessem presentes no campo,

¹⁵ Pensamento presente nos textos “o narrador” e “experiência e pobreza” do livro: *Magia e técnica, arte e política* de Walter Benjamin, 1994.

[...] sempre trabalharam. Seu trabalho era da ordem do doméstico, da reprodução não valorizado, não remunerado. As sociedades jamais poderiam ter, ter-se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico das mulheres que é invisível (PERROT, 2007, p. 109).

Ainda é necessário considerar a dificuldade enfrentada pela mulher enquanto dona de casa, pois na maioria dos dias tinha que acordar de madrugada, fazer o fogo de lenha ou carvão, preparar o café da família e muitas das vezes já preparar o almoço para o marido e filhos almoçarem no roçado.

Eram verdadeiros homens e mulheres de fibra que diariamente estavam labutando em busca de colocar a comida na mesa da família e em busca de dias melhores, se submetendo a grandes esforços, caminhando intermináveis quilômetros com vinte pesados quilos que mais pareciam centenas de quilos sobre sua cabeça. Além do cansaço do dia de trabalho exaustivo na colheita por produção que consumia mais energia do trabalhador, o retorno pra casa era igualmente cansativo, mas era preciso travar essa luta todos os dias em busca de obter melhores ou mínimas condições de vida para sua família.

Esse algodão sabe onde eu apanhava? Nas Campinas, perto de Zeca Amaro, olhe de tarde pra trazer esse algodão, João Preto tinha três jumentos para carregar algodão das Campinas, mas eles não venciam o algodão não, era muita gente apanhando sabe? Era dois roçados de João Queiroga, cinquenta quadros cada um, a pessoa trazia o resto na cabeça, levei muito algodão na cabeça! Chegava aqui mortinho, era uns vinte quilos, a estrada era longe (Severino Gervasio, 2011).

A utilização da força animal para deslocar a colheita até o motor foi característica histórica da economia brasileira, a esse respeito Celso Furtado (1999) já tratou muito bem na sua obra *formação econômica do Brasil*. Segundo o economista, desde o Brasil colonial a utilização de tração animal como burros, jumentos, bois eram tão importante como a carne e a lenha, assim como as mulas foram importante para o transporte de carne de charque do Rio Grande do Sul para toda região sul ganhando destaque no mercado alimentício interno. A utilização dos animais também é bastante conhecida na produção do açúcar e café.

O cotidiano dos trabalhadores se dava da seguinte forma, para plantar e limpar era pago por dia em uma jornada de trabalho que ia das sete da manhã as onze pra almoçar e das doze até às quatro horas da tarde. Na colheita o pagamento era por produção, isto é por peso, logo a jornada era mais longa, chegando a doze horas de trabalho ininterrupto, com exceção rápida para a 'bóia', comida que era levada de casa para almoçar no local de trabalho e não perder tempo na colheita, afinal tempo era dinheiro!

A colheita era até de noite, pegava cinco horas da manhã e ia até às cinco horas da tarde, pegava direto, quanto mais apanhasse, mais era melhor, dava mais produção, apanhava quarenta, cinquenta quilos de algodão, apanhava com as duas mãos e colocava no seio¹⁶ no instantezinho fazia um paiol de algodão danado (Argemiro Sabino Cabral, 2011)¹⁷.

O algodão era apanhado por quilo, vintes quilos representava uma arroba, e segundo conversas informais e com os próprios depoentes, um arroba de algodão coletada valia cerca de cinco mil réis, logo se compararmos grosseiramente com a informação que o senhor Argemiro que “dez mil réis dava uma feira”, por baixo uma diária da colheita dava a feira da semana, isso significa, a grosso modo, sobrava dinheiro. Essa sobra era justamente o ‘Rasga letra’ que servia para comprar um animal para criar ou para comer junto com a família nas festas e servia também para pagar, se fosse o caso alguma dívida contraída ao longo do ano, tanto pelo o trabalhador, como para o pequeno produtor.

O algodão nas palavras dos depoentes era um investimento certo, não precisava ter medo, pois o lucro era certo “Eu pegava o dinheiro emprestado na mão de Vieira, Vieira era o administrador de Tio João, [...] aí pedia dinheiro a ele, e muita gente pedia antes, e depois [da colheita] pagava tudo” (Severino Gervasio, 2011).

Podia plantar que tinha o dinheiro na certa, só tava certo de outubro para novembro, podia comprar fiado, mas a safra tinha, podia comprar o que quisesse aí quando chegava ao fim do ano [dizia] esse aqui é pra comprar roupa das festas (Argemiro Sabino, 2011).

No auge da cultura algodoeira no Nordeste, especificamente no ano de 1953, o Rei do Baião Luiz Gonzaga e Zé Dantas¹⁸ compuseram a música "*Algodão*"¹⁹.

Bate a enxada no chão
Limpa o pé de algodão
Pois pra vencer a batalha,
É preciso ser forte, robusto, valente ou nascer no Sertão.

¹⁶ Seio era um instrumento confeccionado pelo próprio agricultor para facilitar sua colheita de algodão, era simples, geralmente uma pedaço de corda amarrada em dois pontos de um saco, uma espécie de sacola grande colocada transpassada em pescoço e braço, deixando as mão do trabalhador livre para colher a fibra e coloca-la no seio.

¹⁷ Palavras do senhor Argemiro Sabino Cabral, 76 anos, entrevistado em Caturité, em Março de 2011.

¹⁸ José de Sousa Dantas Filho, natural de Carnaíba de Flores, PE, foi médico, e era mais conhecido como Zé Dantas, foi compositor, poeta, folclorista brasileiro e parceiro de Luiz Gonzaga em vários sucessos. Informações disponível na pagina virtual <http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/ver/ze-dantas>.

¹⁹ Composição encomendada pelo então Ministro da Agricultura no governo Getulio Vargas, o pernambucano João Cleofas, A música esteve presente no disco intitulado de “Luiz Gonzaga canta seus sucessos com Zé Dantas”, lançado em 1959 pela gravadora *RCA Victor*.

Tem que suar muito pra ganhar o pão
E a coisa lá "né" brinquedo não

Mas quando chega o tempo rico da colheita
Trabalhador vendo a fortuna se deleita

Chama a família e sai, pelo roçado vai
Cantando alegre ai, ai, ai, ai, ai, ai

Sertanejo do norte
Vamos plantar algodão
Ouro branco que faz nosso povo feliz
Que tanto enriquece o país
Um produto do nosso sertão.

A música relata a labuta árdua do trabalhador do algodão, e em seguida relata a fartura do algodão na época da colheita e finaliza aconselhando a plantar o ouro branco que é capaz de fazer o povo feliz e enriquecer o país. É possível inferir que o algodão proporcionava segurança econômica a todos, aos pequenos e aos grandes, fazendo o trabalhador se deleitar na fortuna após muito esforço.

No contexto local, João Queiroga, além de ser o maior produtor da região, também comprava o algodão de quase todos os pequenos produtores e vendia diretamente a Cesar Ribeiro que desde os anos 1930 já era um dos maiores compradores e vendedores de algodão da região polarizada por Campina Grande²⁰.

Anos depois João Queiroga adquiriu um motor para descaroçar o algodão, desta feita os trabalhadores e produtores traziam o algodão para o velho 'raposão', como era chamado o motor descaroçador, certamente pelo seu tamanho e barulho quando do seu funcionamento, logo, o algodão era descaroçado e colocado em fardos e levado pra Campina Grande em melhores condições de venda e lucros, sendo que a semente/caroço descaroçado servia de alimentação animal, ou seja, Queiroga lucrava com o algodão e com o caroço.

Ainda no roçado, antes de chegar até o motor, o algodão era ensacado em sacos de estopa e transportado em lombos de animais e na cabeça dos trabalhadores. Em frente a casa do, duas balanças aguardavam os trabalhadores e a carga de algodão, após a pesagem, a colheita de cada trabalhador era anotada pelo administrador, que se chamava Vieira que era filho único de João Queiroga. “[...] quando era no domingo de manhã o povo ia receber o dinheiro [...] ali era a loja, era cheio na hora de receber de manhã, o pagamento era no domingo bem cedinho, tinha um feirão visse, feirão!” (Antonio Ribeiro, 2011).

²⁰ Informação disponível no anexo 2 da dissertação de mestrado de Josefa Gomes de Almeida Silva, intitulada, Latifúndio e algodão em Campina Grande: modernização e miséria. UFPE, 1985.

A presença da feira semanal representava a circulação de dinheiro com a compra, venda e a troca de mercadorias, entre estes destacavam a venda fumo, tecido (fazendas), além de bancas de alimentação e produtos de primeira necessidade como cereais e frutas.

Conforme depoimentos colhidos, fica evidente a força da economia local a partir da pujança da cultura algodoeira, pois no domingo os trabalhadores recebiam seus salários e após fazerem as compras da semana, buscavam bancos, bodegas e outros lugares de ‘diversão’, entretenimento possível com a renda extra da colheita e venda do algodão.

No entanto, com a chegada do bicudo (*ver a 6ª nota de rodapé na página 3*) e a dificuldade de controlar a praga, a cotonicultura perdeu força rapidamente, pois a aquisição de inseticida não era fácil e o governo não tinha um programa de controle com a amplitude de impedir o crescimento rápido e a devastação da fibra. Conforme Severino Gervasio (2011) “Quem acabou com o algodão foi o bicudo, acabou de um jeito que agente não podia mais nem plantar ele, o comprador não queria comprar mais nada, aí acabou o algodão!”.

Para além do colapso do algodão por conta do bicudo, e o crescimento da cotonicultura na região paulista, outro fator é imprescindível e certamente ainda pior, a seca. A estiagem de 1979 a 1985 foi considerada por estudiosos a mais longa e avassaladora do século XX, marcada por uma onda de saques que chegou ao auge em 1981 ao ponto do presidente João Figueiredo declarar que só restava rezar para chover.

A crise do algodão quebra toda a rede econômica existente em função da fibra, essa rede ia desde o produtor até o comprador do algodão, que fretava caminhões para transporte da produção até Campina Grande, sem contar nas dezenas de trabalhadores desempregados e a queda na economia local, assim, as pessoas que sobreviviam com a cotonicultura ficaram sem perspectivas.

Os agricultores sem condições financeiras de combater a praga e conviver com a seca abandonam a plantação e em meio a dificuldade imposta muitos se deslocaram para o sudeste do país nos famosos “paus de arara”. Eram dias longos, desconfortáveis e cansativos como muita fome e sede, dinheiro pouco e na mala a esperança de uma vida melhor.

Migrar não era fácil, pois implicava cortar laços e começar do zero, enfrentar o desconhecido e deixar familiares para trás. Assim o bicudo e a seca, além de devastar a cultura algodoeira, desorganiza a vida de muitos trabalhadores que não enxergam outra possibilidade a não ser “correr” para outra região em busca de trabalho e melhores condições de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida no algodão nunca foi tarefa fácil, as marcas do trabalho pesado estão marcadas nas memórias dos sujeitos, no entanto como propomos no início deste texto, a nossa análise mostrou que para além das adversidades e dificuldades a algodão proporcionou uma melhora econômica significativa que até então nenhuma cultura havia conseguido, não me refiro a números ou valores, mas sim a qualidade de vida que os próprios trabalhadores afirmam, pois podia faltar tudo, menos trabalho e dinheiro no bolso. Em meio a um período de estiagem que se arrastou por muitos anos, ter trabalho, significava ter dinheiro, que logo significava ter condições de sustentar a família e tendo um extra no bolso, era bem melhor permanecer na terra do que se aventurar em terras desconhecidas do sul do país, mesmo que esse caminho fosse o futuro de muitos deles.

Este trabalho produzido a partir das memórias dos trabalhadores, materializados em entrevistas e constituídos enquanto fontes possibilitou trazer a tona uma história local ainda desconhecida por muitos. Trata-se de um estudo de caso localizado, no entanto esclarecemos ao leitor, que o caso analisado é apenas um dos diversos temas que afloram do baú das memórias dos nossos depoentes e que devem ser analisados em um estudo maior.

No entanto todo o conjunto de falas e análises reproduzida neste trabalho enriquece a história e a historiografia da cidade, possibilitando que o passado possa ser visto de um ângulo diferente, capaz de mostrar a riqueza de detalhes que existem nas experiências dos trabalhadores, seja dor, alegria ou felicidade, mas que guarda o brilho de um período marcado por muito trabalho, suor e lágrimas de homens e mulheres que em suas memórias o carregam um passado presenciado, silenciado e omitido, que a historiografia tenta aos poucos reconstruir.

DEPOIMENTOS

Argemiro Sabino Cabral, 76 anos, aposentado, entrevistado em Caturité, em Março de 2011.

Severino Gervasio da Cruz, 94 anos, aposentado, entrevistado em Caturité, em Março de 2011.

Antonio Ribeiro Galdino Borges, 77 anos, aposentado, entrevistado em Caturité, em Março de 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEGRO, Regina C.; GONÇALVES, Cátia R.; GASPAR, Edna de S.; SANTOS, Janete de. **Os Trabalhadores do Ouro Branco no Norte do Paraná**. Conselho de Editoração da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial, 2007.
- BARRROS, José D'Assunção. **A expansão da história**. Petropolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CHAGAS, Waldeci Ferreira. **As singularidades da modernização da Parahyba nas décadas de 1910 a 1930**. Tese de Doutorado. UFPE, Recife – PE, 2004.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: Memória, tempo, identidades**. 2 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010, 136 pg.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 28 Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1999.
- HALBAWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabiola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
- NUNES, Mariângela de Vasconcelos. **Entre o capá verde e a redenção: A cultura do trabalho com o agave nos cariris Velhos (1937-1996, Paraíba)**, 291 p. Tese apresentada ao PPGHis UNB, Brasília, 2006.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. (trad. Ângela M. S. Côrrea). São Paulo: Contexto, 2007.
- SANTOS, Janete de Oliveira. **O trabalho feminino nos algodoads de Assai na década de 1950: exploração do tema no ensino de história**. Monografia de especialização. UEL, 2008. http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_janete_oliveira_santos.pdf
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: **A escrita da história: novas perspectivas**. Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 368p.
- SILVA, Josefa Gomes de Almeida. **Latifúndio e algodão em Campina Grande: modernização e miséria**. Dissertação de mestrado do Curso de História - UFPE, 1985.
- SILVA, Joaquim Neto Sousa. **A crise do algodão e o êxodo rural no município de Juazeirinho**, 2011. Disponível no blog Discutindo Geografia no endereço <http://joaquimqfdireito2011.blogspot.com.br/2011/04/crise-do-algodao-e-o-exodo-rural-no.html>
- THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 6 Ed, 2011, v.1.
- UOL. Clique music, pagina virtual. <<http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/ver/ze-dantas>>.